

O SANTANA EM RURBANIZAÇÃO por uma (re)definição cotidiana do bairro

THE SANTANA IN RURBANISATION for a daily (re)definition about the neighborhood

v. 7, n. 10
jan/ago (2015)

ISSN 1982-0569

Thiago Coelho Silveira
Instituto Superior de Educação São Judas Tadeu
e-mail: silveiratc@hotmail.com

Resumo

Este artigo discute o processo de rurbanização do bairro Santana, situado na cidade de Teresina, Piauí. Historiciza-se o conceito de rurbanização, oriundo da antropologia, para analisar a situação em que o bairro se encontra. Utilizou-se de um aporte metodológico que permitiu o uso de fontes documentais no intento de desvendar o processo de rurbanização do bairro, subsidiando-se em uma abordagem teórica interdisciplinar, a partir de uma produção bibliográfica que abrange diversos campos do saber, mas que são complementares. A pesquisa, portanto, contribui para uma ampliação do estudos sobre a cidade, especialmente no campo conceitual, operacionalizando um conceito antropológico pelo olhar da História e, conseqüentemente, ampliando o leque de análise.

Palavras-chave

História; bairro; rurbanização

Abstract

This article discusses the process rurbanisation of the Santana neighborhood, located in the city of Teresina, Piauí. It historicizes the concept of rurbanisation, originally from anthropology, to analyze the situation in which the neighborhood is. We used a methodological approach that allowed the use of documentary sources in an attempt to unravel the rurbanisation of the neighborhood, subsidizing it in an interdisciplinary theoretical approach, from a bibliographic production covering various fields of knowledge, but complementary. The research, therefore, contributes to an expansion of studies on the city, especially at the conceptual level, operationalising an anthropological concept by History look and, thus, expanding the range of analysis.

Keywords

History; neighborhood; rurbanisation

Introdução

Na realidade, cabe pensarmos as diferenças expressas na paisagem enquanto manifestações das contradições que estão no cerne do processo de produção do espaço. A cidade diferencia-se por bairros, alguns em extremo processo de mudança [...] (CARLOS, 2008, p. 36).

A cidade é um espaço múltiplo que segue seu curso com constantes ressignificações. À medida que vai crescendo surgem novas áreas, algumas em crescimento galopante, enquanto outras vão ficando à margem, como que esquecidas pelos agentes modificadores da paisagem da cidade (CORRÊA, 2002). Isso não as torna menos importante, ao contrário, cabe pensarmos tais espaços como flores que ainda não passaram pelas mãos de seu jardineiro, mas que a qualquer momento poderão ser encontradas por ele.

A trajetória que marca o desenvolvimento do bairro Santana é assim. Como que uma flor, ele já teve seus momentos do desabrochar, mas também já teve seus momentos de se fechar. Atualmente, ele passa por mais um desses momentos onde começa a abrir-se aos raios de sol dos beneficiamentos urbanos que atingem Teresina nos seus espaços mais recônditos. Durante muito tempo ele foi relegado ao esquecimento por parte do poder público municipal. Suas origens, ligadas à Usina Santana S/A – primeira usina de açúcar do Estado do Piauí instalada em 1906 (AUTOR, 2013), parecem ter sido impedoras de um maior beneficiamento da região, vista não como um bairro onde mora uma população carente de serviços públicos, mas como terras particulares daquele empreendimento.

Por outro lado, temos em vista que o centro das cidades tende a ser um espaço privilegiado para as transformações urbanas empreendidas pelos poderes públicos estadual e municipal. A esse respeito, Monte (2010) destaca como essa prática se tornou presente na cidade de Teresina dos anos 70, quando os governantes locais, impulsionados pelo afã desenvolvimentista dos governos militares, empreenderam práticas de modernização que atingiam apenas o centro da cidade. Nesse sentido, a autora nos diz que é no centro “[...] onde as transformações do espaço físico se dão de uma forma mais acentuada, sendo este o primeiro espaço a passar por modificações e



intervensões ao se pôr em prática uma política de modernização da *urbe*, já que representa o “cartão de visita” (MONTE, 2010, p. 94-95).

Neste sentido, entendemos a ausência de maiores intervenções infraestruturais nas zonas periféricas da cidade como reflexo de práticas que buscavam modernizar o centro de Teresina, pois era este o espaço comercialmente mais interessante além de ser o local visto pelos visitantes e, portanto, interessava para os governantes intervirem. Ao mesmo tempo, a realização das obras aparecia no discurso governamental como uma forma de responder aos anseios de progresso almejados no período. De tal forma que a “[...] euforia nacional-desenvolvimentista refletia em nível local como uma nova oportunidade para que o povo piauiense realizasse seus sonhos de progresso” (MONTE, 2010, p. 88).

A cidade como um todo carecia de melhorias na urbanização, o que também nos remete à situação que pode ser percebida no Santana no mesmo período. Embora por muito tempo estando nesse estado de aparente abandono, percebemos que nas últimas três décadas ele vem ganhando maior expressividade junto aos órgãos do poder público municipal. Leve-se em consideração que a ação dos gestores públicos ocorre não pelo simples anseio da população, mas como uma contingência do aumento populacional. Sua população cresceu, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pois no ano de 1996 a população era de 2.996 e após 2000 esse número subiu para 3.712, obrigando os gestores públicos a atuarem no local. De modo que a representatividade desse núcleo populacional parece ter aprendido a fazer-se ouvir na busca de melhorias no espaço onde habitam. Espaço esse que não é apenas material, mas também sentimental, pois as pessoas tendem a se ligar ao lugar de suas moradas, guardando um elo afetivo que os estimula a querer ver mudanças positivas ao seu redor.

Assim, temos percebido que aos poucos a região vem acompanhando o compasso de sua cidade, Teresina. Cada vez mais os beneficiamentos públicos de ordem municipal se fazem presentes, tais como: creche, escola, campo de futebol, posto de saúde. Na perspectiva de Rossi, “[...] a cidade, como coisa humana por excelência, é constituída por sua arquitetura e todas aquelas obras que constituem seu modo real de transformação da natureza” (2001, p. 25). Assim, essas estruturas devem ser compreendidas não apenas em uma perspectiva material, mas, sobretudo, devem ser entendidas como construções humanas que têm muito a contar sobre o passado do



bairro. Tais estruturas fazem mudar a paisagem da região, ainda muito contida dentro dos limites rurais que a cercam, não mudando apenas a paisagem, mas também os modos de viver de seus moradores.

Uma vista aérea do bairro revela que ele apresenta uma pequena ilha – o loteamento Jardim Europa, equipada com um aparato urbanizado em um meio caracteristicamente rural. Compartilhando dos apontamentos de Endlich para conceituar o rural, podemos afirmar que:

[...] o rural deve ser compreendido como uma questão territorial, porque, o uso de solo e as atividades da população residente no campo não se limitam mais somente à agricultura, mas se vinculam a várias atividades terciárias. Assim, o desenvolvimento rural é considerado como um conceito espacial e multissetorial. A proposta é que se compreenda como rural o território não urbano, neste caso, como o que não é da cidade (ENDLICH, 2010, p. 17).

Tal conceituação se encaixa com o que podemos visualizar na paisagem do bairro. Embora o Santana esteja dentro dos limites legais do que a prefeitura chama atualmente de rural, ele guarda consigo características bastante marcantes do meio urbano. Visto não apenas do ponto de vista das atividades primárias, mas como um espaço que permanece em constante relação com o urbano. Desse modo, o Santana vai se diferenciando de outros espaços da cidade, constituindo-se como uma ilha e um ponto de passagem entre as duas macrozonas de Teresina – a rural e a urbana. A definição da autora parece corroborar com um estado geral em que se encontra na literatura pertinente, de que essas categorias – o rural e o urbano, não mais podem ser pensadas como um binômio antagônico e que não se misturam, mas sobretudo integrado em uma rede de relações econômicas, sociais e históricas.

A cidade e seus bairros são ao mesmo tempo filhos e reféns de quem os cria, sujeitos a qualquer mudança de necessidade. Assim, a “[...] arquitetura da cidade é ao mesmo tempo continente e registro da vida social [...]. É como se a cidade fosse um imenso alfabeto, com o qual se montam e desmontam palavras e frases” (ROLNIK, 2004, p. 17). Os bairros dessa cidade ajudam a formar esse alfabeto, a montar e desmontar palavras e frases. O bairro Santana, portanto, é uma dentre as inúmeras letras que compõem o alfabeto chamado TERESINA, mas uma letra que tem muito a nos contar.

Também partindo de um ponto de vista mais alargado, Rossi nos apresenta a cidade como esse conglomerado de fatos urbanos que têm muito a contar sobre o

passado da cidade. Partindo da ideia de que o método histórico seria o melhor para analisar a cidade, o autor afirma que “a cidade e região, a terra agrícola e os bosques tornam-se coisa humana porque são um imenso depósito de fadigas, são obras das nossas mãos; mas, enquanto pátria artificial e coisa construída, também são testemunhos de valores, são permanência e memória” (ROSSI, 2001, p. 22).

Como testemunhos das mudanças que a sociedade percorre, os espaços da cidade aparecem como expressões da relação entre as permanências e rupturas, permitindo que se perceba a cidade em sua configuração histórica. Nesse sentido, os estudos que desenvolvemos sobre o Santana não deixam de perceber as mudanças na paisagem como reflexos das mudanças de comportamento das pessoas que o habitam, na medida em que esses novos padrões de viver interferem de maneira decisiva no modo como os espaços de convivência são cotidianamente (re)construídos.

Nesse ponto da narrativa, cabe relembramos as palavras de Calvino quando nos conta que:

Em Cloé, cidade grande, as pessoas que passam pelas ruas não se reconhecem. Quando se vêem, imaginam mil coisas a respeito umas das outras, os encontros que poderiam ocorrer entre elas, as conversas, as surpresas, as carícias, as mordidas. Mas ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um segundo e depois se desviam, procuram outros olhares, não se fixam (CALVINO, 1990, s.p.).

A descrição de Cloé, faz-nos lembrar o cotidiano das grandes cidades contemporâneas no Brasil e no mundo onde, no burburinho do dia-a-dia, as relações sociais vão se fragmentando e assumindo novos padrões. As pessoas já não conhecem todos os habitantes da cidade, de fato, já não se reconhecem. Nesse ínterim, novas demandas vão se formando, novos comportamentos emergem, novas identidades se formam.

Com o Santana, percebemos um movimento semelhante, que leva a um novo padrão de viver e habitar o bairro constituindo-se e solidificando-se ao longo dos anos aqui percorridos. Os anos 70 e 80 foram muito importantes para a constituição do bairro, sobretudo por que foi nesse período que começam a se delinear os contornos que o bairro vai assumir de maneira mais significativa dali por diante. Na década de 1990, o bairro permanece inicialmente na condição de zona rural, conforme era classificado pela Prefeitura de Municipal de Teresina, mas já começando a apresentar

características que posteriormente o trarão para o enquadramento urbano da cidade, passando a pertencer aos limites geográficos da zona metropolitana de Teresina.

Na condição de bairro urbano, exigir-se-á do poder público municipal uma atuação mais efetiva do ponto de vista dos melhoramentos urbanísticos, como se delineou nos anos 2000, momento em que percebemos uma constante interação entre as dimensões rurais que o cercam e as urbanas que se fazem presente no cotidiano das pessoas que o habitam. Essa interação permite a classificação do bairro na condição de espaço onde é presente a rurbanização, categoria que tomamos conhecimento a partir dos escritos de Carneiro (2002, 1998), que se referem a esses espaços que estão entre o rural e o urbano. Assim, a autora não nega a validade dos muitos estudos que dão visibilidade ao processo de migração campo-cidade, mas aprofunda a discussão mostrando que em dado momento esse movimento muda, fazendo com que cada vez mais as pessoas permanecem nos seus espaços rurais sem que isso signifique um total distanciamento da dimensão urbana da cidade. São engendradas, então, novas formas de viver que unem o modo rural de viver ao espaço urbano ou trazem o modo urbano de viver aos espaços rurais.

Dessa forma, nos aprofundaremos nas discussões sobre o rural e o urbano, percebendo-os na perspectiva da rurbanização, ou seja, como categorias de análise que se referem a espaços que estão em importante interação e não de forma contraditória, dicotômica como há muito se trabalhava. Assim, este trabalho traz uma íntima aproximação entre a História e outras disciplinas que estudam a cidade, em especial a Antropologia.

A narrativa histórica não pode ser despreendida das motivações do presente que inquietam o historiador e o instigam a pesquisar (BLOCH, 2001), tornando-se de suma importância que esta narrativa se ponha a discutir uma questão tão importante como a escolhida para que se possa conhecer um pouco mais a história deste bairro, das pessoas que o habitam, da cidade que o contém. Ao partirmos de um estudo que possui um recorte temporal muito próximo de nosso presente cotidiano, foi possível partilharmos dos referenciais propostos por Muller quando nos diz que “[...] a história do tempo presente coloca-se como prática contemporânea do historiador que se posiciona como tal, ao construir um passado a ser por ele narrado a partir de uma problemática também por ele criada” (MULLER, 2007, p. 28).

Percebida, então, como uma problemática presente, o texto prossegue aprofundando a discussão acerca da rurbanização do bairro Santana, tomada como um processo em sua dimensão histórica.

Desvendando a rurbanização presente no bairro Santana: apontamentos empírico-conceituais

Para definir a classificação do espaço ocupado pelo Santana, nos apoiamos em termos geográficos pela definição indicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo este órgão, podemos definir como rural a “área de um município externa ao perímetro urbano” (BRASIL, 2012). É partindo desse ponto que classificamos o Santana como rural na década de 1980 até o início da década seguinte, pois nesse período a legislação de Teresina não o apontava como integrante da zona urbana. Cabe ressalvamos, no entanto, que partimos da legislação para analisarmos até que ponto podia-se perceber no bairro características que permitissem sua classificação como tal. Em geral, o IBGE parte do que os municípios informam, pois no Brasil as zonas rural e urbana são definidas por força de lei e, portanto, nem sempre uma área urbana ou rural conforme consta na legislação o será se nos pautarmos pela paisagem da região ou mesmo pelos modos de viver da população.

Assim, antes de tratarmos da rurbanização, é preciso definir o que entendemos por rural e o que entendemos por urbano de uma maneira mais precisa para então propor, à luz dos estudos de Carneiro, o Santana como um espaço que passa por um processo de rurbanização. A partir do que apontaremos em seguida, perceber-se-á que o que aqui se propõe é uma categorização que extrapola as espacialidades materiais e chegue àquelas que são construídas no cotidiano de quem habita o bairro, que constrói e reconstrói no seu dia-a-dia o seu modo de viver.

Desse modo, procuramos olhar além da conceituação de espaço proposta por Barros que o definirá como “como lugar que se estabelece na materialidade física, como campo que é gerado através das relações sociais, ou como realidade que se vê estabelecida imaginariamente em resposta aos dois fatores anteriores” (2006, p. 462). O autor ainda reconhece que a História já extrapolou essas delimitações propondo que a historiografia do final do século XX passou “do espaço físico ao espaço social, político e imaginário, e daí até a noção do espaço como “campo de forças” que pode inclusive reger a compreensão das práticas discursivas” (BARROS, 2006, p. 463). Nesse sentido,

155



estamos (re)pensando o rural e o urbano a partir de uma perspectiva diferente das antigas bases tradicionais que os definiam. Frequentemente, o rural foi envolvido em uma perspectiva que, colocando-o em oposição ao urbano, o transformara em atraso, retrocesso. Para Carneiro, foi

[...] o mito fundador da Sociologia Rural que instituiu a oposição entre campo e cidade como realidades espaciais e sociais descontínuas, mas em relação de subordinação do primeiro à segunda. Destaca-se na formulação desse mito o pressuposto de que as diferenças entre o rural e o urbano tenderiam a desaparecer como resultado do processo de urbanização tido como natural e inevitável (CARNEIRO, 2002, p. 5).

Desse modo, o rural foi durante muitos anos visto como um descontínuo da cidade que, embora servisse a ela e dele dependesse, o colocava em situação de subordinação. O processo migratório de pessoas que saem do campo para as cidades veio corroborar com esse ponto de vista, na medida em que tais movimentos populacionais serviram para demonstrar como a cidade conseguia exercer influência, sendo ela própria o símbolo do progresso, ratificando a perspectiva de Rolnik (2004) quando afirma que a cidade é um ímã que atrai as pessoas para o seu meio.

É justamente este discurso em torno da cidade, colocando-a como símbolo de progresso e desenvolvimento que irá atrair o camponês ao passo que ele vê suas antigas terras de plantio serem ocupadas pelas grandes produtoras de alimentos, forçando o deslocamento dessas pessoas em face de uma completa desigualdade imposta pelo sistema capitalista. Mas é preciso que se olhe adiante, pois “há algo mais do que a velha dicotomia cidade-campo, uns plantando, pagando, colhendo; outros consumindo, emparedando-se ou transitando nos circuitos possíveis [...]” (FERREIRA, 1999, p. 48). Pensando nesse processo, Carneiro aprofunda a discussão acerca do rural ao apontar que:

A noção de rural associada à produção de alimentos e de matéria-prima é fruto da hegemonia da sociedade burguesa industrial que identifica a cidade como local de residência e trabalho e onde se encontram o conforto e o lazer necessários à era da modernidade. O campo, por sua vez, deixa de representar o espaço instituidor de poder de uma classe sustentada na propriedade fundiária e passar a ser o *locus* da produção que vai alimentar a população e a indústria dos centros urbanos (CARNEIRO, 2002, p. 9).

Dessa forma, a autora destaca como o rural é apontado como *locus* de uma produção agrícola que tem por objetivo o abastecimento da cidade. No caso do Santana,





percebemos que sua história foi construída a partir de uma peculiaridade: uma zona rural que abrigou duas importantes indústrias: a Usina Santana S/A e a Cerâmica Santana Ltda. Enquanto a primeira, na condição de indústria açucareira dependia da produção agrícola da cana-de-açúcar, a segunda por outro lado se constituía sem essa necessária dependência. Nesse caso, o rural que se aplica ao Santana não é aquele que se esgota e se limita à produção de alimentos, mas aquele que se direciona para a sua industrialização reforçando o poder de um grupo que deseja se fazer presente na capital, partilhando de uma noção de rural que, como aponta Favareto (2007), entende-o como espaço próprio de processo de industrialização. Assim, particularmente no que se refere a este bairro, o campo serviu de base para a instituição de poder de uma classe que era sustentada pela grande propriedade fundiária, mas que a percebe não apenas como lócus para a produção agrícola, mas também como espaço de uma forte produção industrial.

Desse modo, a Usina presente na região faz lembrar Endlich ao afirmar que o rural deve ser compreendido como uma questão territorial, pois a população que habita a zona rural partilha de uma forma diferente de viver e até certo ponto bem distante das antigas formas tradicionais de morar no campo, não mais se limitando à produção de alimentos como se podia imaginar, na medida em que:

[...] o uso de solo e as atividades da população residente no campo não se limitam mais somente à agricultura, mas se vinculam a várias atividades terciárias. Assim, o desenvolvimento rural é considerado como um conceito espacial e multissetorial. A proposta é que se compreenda como rural o território não urbano, neste caso, como o que não é da cidade (ENDLICH, 2010, p. 17).

Partindo dessa multissetorialidade é que compreendemos como o Santana ao abrigar uma indústria açucareira – a única do Piauí durante seu período de funcionamento, iniciou um intenso processo de diferenciação de outros espaços da cidade dirigido pelas ações dos industriais que estiveram à frente do empreendimento, começando por Gil Martins no início do século XX e terminando com os Santiago no final da centúria. Estes últimos foram além da produção de açúcar, implantando a Cerâmica como alternativa de empreendimento para a região. Além destes, a vocação industrial do bairro, pode ser notada também pela fundação da fábrica de água mineral Ouro da Mina, iniciando suas atividades por volta de 2001, atendendo a capital do Estado e demais cidades do interior, empregando trabalhadores residentes tanto no Santana

como em outros bairros da cidade em um momento que as fronteiras das relações do bairro se colocam em franco processo de expansão.

Olhando então para outro polo, o urbano, precisamos ter em mente que este se refere como apontou Endlich para o que não é rural. Dessa forma, percebemos como suas falas têm se referido ao urbano como sinônimo de cidade e rural como antônimo de cidade. Este trabalho, por outro lado, utiliza-se de uma perspectiva mais ampla de cidade compreendendo-a com um conjunto de espaços, sejam eles rurais ou urbanos, que continuamente são reconstruídos pelos habitantes da cidade e pelos demais agentes modificadores do espaço como já discutimos à luz das ideias de Corrêa (2002). Ainda assim, partimos do pensamento de Endlich para definirmos a urbanização, pois a autora esforça-se em procurar um significado mais amplo para a urbanização, afirmando que:

a urbanização já não denota meramente o processo pelo qual as pessoas são atraídas a uma localidade, intitulada cidade, e incorporadas em seu sistema de vida. Refere-se, também, àquela acentuação cumulativa das características que distingue o modo de vida associado com o crescimento das cidades. Esse modo de vida concretiza-se além dos limites das cidades, através do encantamento em relação às influências que estas exercem por meio do poder de suas instituições e personalidades, através de instrumentos de comunicação e transporte (ENDLICH, 2010, p. 19).

Assim, a autora defende um conceito alargado de urbanização não se referindo apenas aos espaços que contam com características próprias para a vida de um aglomerado de pessoas, mas também aos modos que essa população escolhe viver. Ou seja, o simples ato de alguém viver na zona urbana não significa que seu modo de viver o seja, na medida em que este precisa ser continuamente construído pela mediação com seu modo de vida anterior, o rural, por exemplo, se pensarmos nas famílias que migram para os espaços urbanos. Destarte, urbano e rural são categorias que devem ser analisadas extrapolando suas conotações territoriais e espaciais, ampliando o olhar para as práticas cotidianas desenvolvidas pelas pessoas que habitam o espaço. Nesse sentido, a “sociedade urbana pressupõe uma transformação no cotidiano, que deve ser apropriado pelo ser humano. A dimensão lúdica, amplamente compreendida, torna-se prioritária e torna-se proposta de uma nova centralidade urbana” (ENDLICH, 2010, p. 26). Desencadeando-se novas práticas e modos de viver na medida em que o cotidiano permite essa constante reconstrução. Esse movimento se torna possível à medida que

as pessoas que ocupam o espaço o tomam como lugar de suas práticas, suas experiências, de sua vida.

Ao longo das últimas décadas, em especial no Brasil, vemos crescer o grau de artificialização do campo fazendo mudar a perspectiva sob a qual se olhava para o rural como símbolo de vida atrasada. Os espaços urbanos, nas grandes cidades, por exemplo, são cada vez mais levados a adotarem um ideal de ecologia que procure combinar o modo de vida estabelecido nas cidades pelo usufruto do espaço artificial, construído, com os parâmetros de vida saudável propagados como possíveis no campo. Dessa forma, Favareto, ao estudar o processo de constituição das relações entre o rural e o urbano, percebendo que essas duas categorias são construídas historicamente, é levado a afirmar que:

[...] desaparece todo o sentido em tratar o rural exclusivamente como o oposto do urbano, em proclamar seu desaparecimento, ou em resumi-lo a apenas uma de suas dimensões atuais: o agrário. O significado maior disso tudo é um certo esboroamento da visão predominante que sustentou as ciências sociais aplicadas sobre o rural durante todo o século passado (FAVARETO, 2007, p. 185).

Assim, o autor sugere que o rural e o urbano sejam analisados pelas suas relações de complementaridade, solicitando que se parta de uma perspectiva mais ampla que visa olhar para os espaços da cidade através das relações no seio da dinâmica das relações sociais, caindo por terra antigos modelos explicativos acerca do rural que o colocavam em relação de subordinação ao urbano. Portanto, rural e urbano devem ser entendidas como dimensões diferentes de uma mesma cidade e que estão em contínua relação. Desse modo, percebemos o Santana como um bairro que foge aos enquadramentos propostos pelos teóricos do rural e do urbano. Se por um lado, essas definições se aproximam por outro elas se distanciam. Ao longo dos anos 70 e 80, o bairro permaneceu imerso no perímetro rural de Teresina. Nos anos 90, ele ingressa na zona urbana da cidade, mas as descrições que se fazem dele a partir dos relatos orais o apontam de maneira muito semelhante às duas décadas anteriores, demonstrando como as mudanças demoram para acontecer, de fato, são processuais, acontecem em ritmo diferenciado do que muitas vezes é esperado.

A própria Prefeitura de Teresina corrobora para este estado de indefinição quando publica em 1995 o *Perfil da Zona Rural de Teresina*. O documento foi publicado um ano após o enquadramento do bairro no perímetro urbano da cidade, mas continua

tratando-o como povoado rural denotando como internamente existiu um descompasso entre o que era legislado para a cidade e o que era desenvolvido pelos órgãos de atuação do poder público. Contradição e indefinição que se perpetua no presente. A publicação do documento pautou-se, em parte, em dados de 1991 informados pelo IBGE, reforçando ainda mais o descompasso apontado, na medida em que não se fizeram as devidas verificações para perceber se a realidade que se apresentava na capital naquele momento ainda era a mesma da época da publicação dos dados pelo IBGE. O documento assim descreve o bairro, especificamente o povoado Jardim Europa – centro de povoamento da região:

É um loteamento residencial popular, com características urbanas. Fica localizado na zona rural leste, tendo como principal acesso a TER 1220, distando 16 km de Teresina. [...] Conforme levantamento realizado em 1991, existiam 262 edificações e uma população estimada em 490 habitantes. EQUIPAMENTOS SOCIAIS - Possui escola do pré-escolar ao 1º grau, chafariz, posto de telefonia pública, transporte coletivo, campo de futebol, energia elétrica domiciliar [...] (TERESINA, 1995, p. 48).

Logo no início da descrição visualizamos a indefinição apontada. O povoado enquanto tal é rural, mas apresenta características urbanas. O documento ainda parte da ideia de que os espaços rurais não fazem parte da cidade – ideal que aparece de forma implícita no trecho transcrito ao apontar o distanciamento do povoado em relação a Teresina quando na verdade o povoado é parte integrante da cidade. Dessa maneira, fica evidente a perspectiva de oposição campo-cidade tomada como sinônimo da dualidade rural-urbano. As informações do documento se aproximam da narrativa das fontes orais ao destacarem a distância entre o bairro e o centro comercial e administrativo da cidade, pois estas também usam da mesma expressão denotando um entendimento que a cidade, Teresina, se refere à sua zona urbana.

Também consultamos outro documento publicado pela Prefeitura de Teresina, o *Teresina em Bairros Maio/2004*, que apresenta o seguinte perfil no ano de 2004 – utilizando-se de dados de 2000 obtidos junto ao IBGE: sua população alcança um total de 3.712, o posto de saúde atendia 898 famílias cadastradas; os chefes de família apresentavam renda mensal média de R\$271,71. Nesse período, o bairro já contava com 3 linhas de transporte coletivo urbano, denotando a preocupação do poder público em interligar ao bairro ao centro da cidade, aproveitando-se de sua localização para

criar linhas que cortassem bairros como o Itararé chegando ao centro por suas principais vias de acesso: Av. Frei Serafim, Av. Miguel Rosa e Av. Barão de Gurguéia.

Dessa maneira, percebe-se um perfil bastante diferente apontado pelos documentos, distando cerca de uma década de uma caracterização para outra. Assim, pode-se perceber como o bairro passou por mudanças significativas ao longo dessa década, apresentando reais modificações com a chegada dos anos 2000. No entanto, em nome de um baixo crescimento, o bairro foi retirado em 2006 da zona urbana de Teresina, em meio a um processo de redefinição do perímetro urbano da cidade. O mapas seguintes permitem que visualizemos os novos limites urbanos definidos para Teresina a partir de um conjunto de leis que foram aprovadas para a cidade.

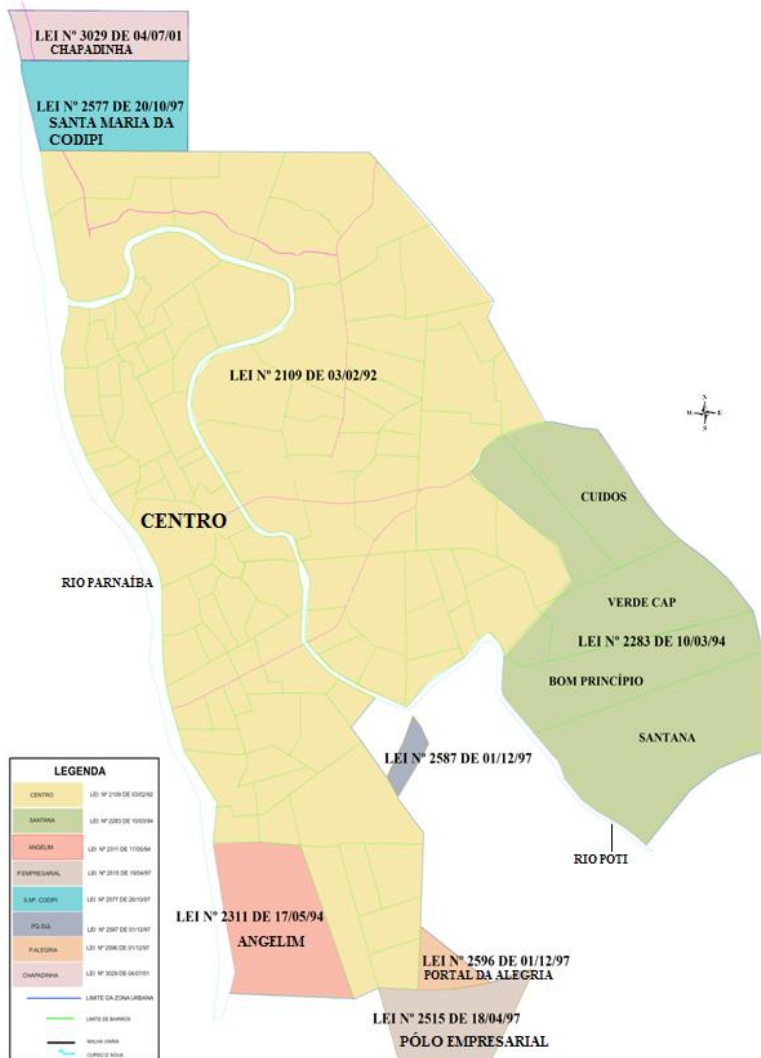


FIGURA 1: Perímetro de Expansão Urbana de Teresina na década de 1990
 FONTE: Adaptado de Teresina, 2002.

FIGURA 2: Zona urbana de Teresina segundo regiões administrativas, 2006.

Fonte: Adaptado de LIMA, 2010.



FIGURA 2: Zona urbana de Teresina segundo regiões administrativas, 2006. Fonte: Adaptado de LIMA, 2010.

Neste segundo mapa é possível ver como Teresina passou por uma inflexão de sua malha urbana, retirando os bairros Cuidos e Santana da zona urbana e realocando-os no perímetro rural da cidade. Segundo Lima,

[...] os limites do perímetro urbano na zona Sudeste foram redefinidos, implicando a devolução de glebas de terras dos bairros Cuidos e Santana à zona rural [...], em razão da não densificação da área, e revelando o descompasso entre as medidas legais e a dinâmica socioespacial (LIMA, 2010, p. 51).

Assim, a autora aponta como razão para essa reorganização a não densificação da área, mas como já indicamos, o bairro cresceu significativamente nos anos 90 e 2000, não justificando sua saída da zona urbana pelo motivo apontado. Dessa forma, fica claro como o próprio poder público municipal não tem critérios claros para a definição do zoneamento socioespacial da cidade, corroborando com o que é apontado por Lima ao enfatizar tal descompasso.

No entanto, nesse processo de reorganização socioespacial da cidade, o Santana não perdeu suas características urbanas que vinham se desenvolvendo e amadurecendo ao longo dos anos 90 e 2000, mas também não viu desaparecer as marcas da ruralidade presente no conjunto do seu espaço. Isso é possível, pois como aponta Carneiro, não se pode analisar as localidades, sob a ótica da homogeneidade de padrões culturais e espaciais, mas com base em sua heterogeneidade. Daí resultando, dessa forma, sua conceituação para o ideal rurano, quando diz:

[...] Disso resulta, a afirmação da sociedade local a partir de definições e redefinições de identidades sustentadas não mais na homogeneidade de padrões culturais mas na diversidade e, principalmente, na maneira específica de combinar práticas e valores originários de universos culturais distintos, o que identificamos como rurbanização (CARNEIRO, 1998, s. p.).

Assim, *rurbanização* diz respeito a uma nova caracterização dos espaços tendo por base a heterogeneidade dos padrões culturais estabelecidos e, portanto, levando em consideração não apenas a paisagem material, mas a imaterial construída no imaginário daqueles que habitam o bairro. Carneiro, em seu estudo, analisa como o ideal rurano é constituído no imaginário de jovens rurais a partir do seu contato com os padrões citadinos de viver, seja pela interlocução em novas redes de sociabilidades ou mesmo pela morada temporária fora do campo. Ao retornar para a zona rural, esses



jovens trazem consigo os ideais de uma vida diferente, passando a (re)significar sua forma de viver no campo.

No caso do Santana, o que se percebe é como essas novas identidades são construídas não por jovens que migram da zona rural para a zona urbana, mas por um conjunto de gerações que cotidianamente realizam o percurso entre suas moradas e o centro da cidade. Como apontamos anteriormente, o Santana passa por um processo de indefinição, ora sendo considerado dentro do perímetro urbano de Teresina, ora sendo apontado como integrante do perímetro rural da cidade. Embora desde 2006 o bairro tenha retornado ao perímetro rural pela legislação, as obras que a Prefeitura vem realizando continuam sendo administradas pela Superintendência de Desenvolvimento Urbano (SDU) responsável pela zona sudeste e não pela Superintendência de Desenvolvimento Rural (SDR), como acontece com os povoados do perímetro rural.

A localização espacial do bairro, em um ponto de entreposto entre a zona rural e a zona urbana da cidade, permite que o caracterizemos como um espaço que vem passando por um processo de rurbanização, pois assume características espaciais que estão entre o rural e o urbano, bem como as pessoas que o habitam vão assumindo práticas que extrapolam as delimitações legisladas para o bairro. Essa interação entre o rural e o urbano que vai se diluindo e se misturando na sociedade brasileira das últimas décadas, faz emergir no Santana características que o situam de forma singular dentro desse processo, pois este se refere tanto às práticas do poder público na região como às maneiras pelas quais os moradores se tornam usuários do bairro, exigindo que a região seja trazida para essa nova conceituação aqui proposta.

Dessa forma, Carneiro destaca que o campo não está se diluindo com a aproximação da cidade, mas que este assume uma nova significação diante da sociedade contemporânea, apresentando-nos as seguintes considerações:

[...] É no momento em que as distâncias culturais e sociais entre o meio urbano e o meio rural encontram-se mais diluídas, fruto da própria intensificação da mobilidade física e cultural dos indivíduos nas sociedades contemporâneas, que se abre espaço para a reivindicação pela diferença, o que se consubstancia na emergência de identidades sociais múltiplas a partir de novas relações de alteridade que se estabelecem nesse novo contexto [...]. O rural quer seja considerado como um modo de vida e de utilização de determinadas espaços [...], quer seja uma representação que guarda um conteúdo operatório [...], não estaria se diluindo junto com a aproximação simbólica e espacial entre a cidade e o campo. Nesses termos, as transformações da ruralidade nas sociedades contemporâneas se expressam não apenas em novas configurações

socioespaciais (devido aos interesses dos novos atores sociais que aí se estabelecem e à expansão das atividades econômicas alternativas à agricultura), mas também nas novas identidades sociais que emergem de relações conflituosas resultantes da disputa por imagens e interesses distintos sobre esses espaços (CARNEIRO, 2002, p. 13).

Assim, essa interação entre o rural e o urbano que caracterizam os meios rururbanizados fazem emergir novas identidades sociais, fruto desse intenso movimento entre as duas dimensões da cidade que, no caso do Santana, são cotidianamente sentidas pelas ruas do bairro, na medida em que uma população que pela distância que vive em relação ao centro político-administrativo e comercial da cidade tenderia a possuir hábitos de vida rural, na verdade apresenta hábitos fortemente urbanos incentivados por essa constante interação entre as zonas da cidade.

Desse modo, parte-se do pressuposto de que o rural e o urbano devem ser entendidos como modos de vida, dizendo respeito aos comportamentos da população, aos hábitos que que são constituídos. Ainda concordamos com Carneiro ao enfatizar que:

[...] a valorização das condições de vida no campo – como lugar onde predomina o “ar puro”, a “simplicidade de vida” e a “natureza”, em oposição à cidade, “cada vez mais poluída pelo crescimento industrial” – exerce um poder de atração sobre a população urbana. Sem abandonar seus empregos, esses indivíduos estabelecem suas residências em áreas rurais promovendo um deslocamento regular e cotidiano entre cidade e campo. Tornaram-se, assim, [...], verdadeiros “usuários da cidade”, mas por outro lado, cabe acrescentar, eles acabam por imprimir às pequenas localidades rurais uma feição de aldeia-dormitório – um dos temores dos habitantes daquelas vilas que ainda guardam um vigor social próprio e que, justamente por isso, são atraentes aos olhos dos novos rurais (CARNEIRO, 2002, p. 14).

A autora destaca um processo que acontece no sentido cidade-campo, mostrando como a sociedade contemporânea tem retornado ao campo sem abandonar a vida nos grandes centros. Essa perspectiva que coloca o rural e o urbano em dois polos distintos, mas não necessariamente opostos, também é discutida por Williams quando nos apresenta o espaço campestre, rural, como um lugar onde “o campo ideal que se pretende não é o do agricultor trabalhar, mas o de um residente de sorte” (WILLIAMS, 1973, p. 46-47, tradução nossa)¹, e vida urbana como “esta vida fervilhante, de lisonja e suborno, de sedução organizada, do ruído e do tráfego, com

¹ Texto original: “the cool country that is sought is not that of the working farmer but of the fortunate resident”.

ruas inseguras por causa de ladrões. (WILLIAMS, 1973, p. 46, tradução nossa)². Assim, o autor retoma o ideal do campo como um lugar seguro e de vida tranquila que, diferentemente da cidade, é um espaço de vida agitada.

Com o Santana o movimento é inverso. A população se constitui enquanto bairro nos entornos da Usina e dela passa a depender das mais diferentes formas. Com o fechamento da Usina e a crescente autonomia que a região vai ganhando, o bairro volta-se para a necessária relação com a zona urbana buscando novas formas de viver, principalmente no que diz respeito à geração de renda necessária para a sobrevivência. Desse modo, o bairro deixa paulatinamente o papel central que assumia na vida de sua população para assumir o papel de bairro dormitório, como apontado por Carneiro. Passando a maior parte do dia fora do bairro, nas mais diversas atividades – educação, lazer, trabalho – a população implementa no bairro novas práticas constituídas a partir desse novo jogo de interações que vão se desenvolvendo. Se por um lado, há de se reconhecer o Santana como bairro dormitório na medida em que semanalmente sua população o trata como tal, por outro lado há de se reconhecer seu papel como ímã, centro de lazer aos finais de semana, atraindo pessoas de diferentes partes da cidade, seja para o usufruto dos clubes existentes na região como para o usufruto da grande movimentação dos bares, impondo a eles práticas mediadas por essas relações situadas entre o rural e o urbano.

Fato importante para o desenvolvimento do lazer e das sociabilidades no Santana foi a inauguração do campo de futebol, que foi reconstruído no final dos anos 2000. Segundo reportagem disponível em um sítio eletrônico que veicula notícias locais:

A Prefeitura de Teresina, por meio da Superintendência de Desenvolvimento Urbano Sudeste, inaugura no próximo dia 06 o campo de futebol da Usina Santana. A obra, que conta com investimento de R\$ 178 mil, promoverá esportes e lazer aos moradores da região que irão dispor de um espaço adequado à prática de atividades desportivas e recreativas. O campo possui 540 metros quadrados de extensão. Os serviços incluíram a realização de terraplanagem e implantação de areia vegetal no solo, que possibilitará crescimento de grama. Segundo Douglas Lopes, engenheiro responsável pela obra, após a inauguração, será realizada licitação para implantação da iluminação do campo. A medida viabilizará a prática de esportes no período noturno. "A licitação será realizada e beneficiará a realização dos jogos durante o período da noite. Além do campo e construção do alambrado, está sendo

² Texto original: "this teeming life, of flattery and bribery, of organised seduction, of noise and traffic, with streets unsafe because of robbers".

finalizada também a obra dos vestiários com banheiros”, afirma o engenheiro (PORTAL 180 GRAUS, 2008).

Desse modo, o campo de futebol representou um importante ganho para o bairro, pois anteriormente ele se restringia a um espaço entre duas quadras do bairro, com solo de areia branca, causando desconforto aos moradores de seus entorno tanto pelo acúmulo de poeira – pois o campo de futebol é utilizado tanto para o lazer dos moradores, como para a realização de torneios entre times de diferentes bairros da cidade – como pelas constantes quebras dos telhados ocasionadas pela falta do alambrado necessário para impedir a saída da bola. Destaque-se ainda que a reportagem é enfática ao determinar que a obra está sob os cuidados da SDU/SUDESTE quando desde 2006 o bairro havia sido reenquadrado no perímetro rural da cidade. E mesmo hoje, se caminharmos pelo bairro, se visualizará placas de obras feitas pela respectiva Superintendência, reforçando o descompasso entre o que é legislado para a cidade e o que efetivamente se realiza nela.

O que procura-se evidenciar com isso é que o próprio poder público municipal atua na região de maneira dúbia, pois ao passo que delimita o bairro como rural ele deveria estar sob os cuidados da SDR e não de uma SDU. Isso não quer dizer que a Prefeitura esteja mudando de comportamento em relação ao rural tomando por base o urbano, mas revela o descompasso entre o que é legislado e o que, de fato, acontece.

Desse modo, faz-se necessário retomar os posicionamentos de Wirth sobre a cidade e vida urbana que se torna presente. Para o autor,

As influências que as cidades exercem sobre a vida social do homem são maiores do que a proporção da população urbana poderia indicar, pois a cidade não é apenas em graus cada vez maiores a morada e da oficina do homem moderno, mas é o início e centro de controle da economia, da vida política e cultural que tem atraído pessoas e atividades das partes mais remotas do mundo em sua órbita, como um cosmo (WIRTH, 1938, p. 2, tradução nossa)³.

Assim, a cidade precisa ser compreendida como esse conjunto de cosmos que se misturam tornando-a cada vez mais complexa. Repensá-la significa, também, rever as tradicionais definições de rural e urbano como já veio sendo discutindo, percebendo

³ Texto original: “[...] The influences which cities exert upon the social life of man are greater than the ratio of the urban population would indicate, for the city is not only in ever larger degrees the dwelling-place and the workshop of modern man, but it is the initiating and controlling center of economy, political, and cultural life that has drawn the most remote parts of the world into its orbit and woven diverse areas, people, and activities into a cosmos”.

as diferentes influências que a cidade exerce sobre a vida social do homem contemporâneo. Se por um lado o autor deixa de lado os horizontes rurais da cidade, ele inova ao adotar uma perspectiva diferenciada acerca da urbe e suas influências, em especial, a ideia de que a urbanidade é um modo de vida que não se restringe aos espaços urbanos da cidade, mas estende-se a todo e qualquer espaço onde pessoas com hábitos urbanos estejam vivendo. Apresenta-nos, portanto, uma perspectiva inovadora sobre o urbanismo no período em que escreve.

Wirth continua sua argumentação em favor dessa perspectiva de urbanismo, destacando três perspectivas que precisam ser analisadas quando a cidade está sob o foco das atenções:

O urbanismo como um modo característico de vida pode ser abordado empiricamente a partir de três perspectivas inter-relacionadas: (1) como estrutura física que compreende uma base populacional, uma tecnologia, e uma ordem ecológica, (2) como um sistema de organização social que envolve uma estrutura de caráter social, uma série de instituições sociais, e um padrão típico de relações sociais, e (3) como um conjunto de atitudes e ideias, e uma constelação de personalidades envolvidas em formas típicas de comportamento coletivo e sujeitas a mecanismos característicos de controle social (WIRTH, 1938, p. 19, tradução nossa)⁴.

Dessa forma, o autor não apenas reforça a ideia de que o urbanismo atravessa características espaciais bem definidas, como aponta para o fato de que ele deve ser entendido como um modo de vida, característico de uma sociedade e que comporte um conjunto de práticas coletivas que estão sujeitas a uma mesma estrutura de controle social.

Assim, percebe-se como os referenciais de Wirth se cruzam com os de Carneiro, na medida em que esta autora aborda a rurbanização sob a perspectiva de práticas híbridas de sujeitos sociais que estão entre o rural e o urbano, analisando este sujeitos para além da materialidade que habitam.

Um ponto de chegada?

⁴ Texto original: "Urbanism as a characteristic mode of life may be approached empirically from three interrelated perspectives: (1) as physical structure comprising a population base, a technology, and ecological order; (2) as a system of social organization involving a characteristic social structure, a series of social institutions, and a typical pattern of social relationships; and (3) as a set of attitudes and ideas, and a constellation of personalities engaging in typical forms of collective behavior and subject to characteristic mechanisms of social control".

O Santana vem se constituindo como espaço em rurbanização desde os anos 70, modificando suas práticas nesse processo de (re)invenção dos modos de vida da população que o habita. Nesse sentido, a rurbanização não deve ser entendida como uma caracterização estanque da espacialidade construída pelos habitantes, mas, sobretudo, deve ser analisada sob a ótica de um processo constituído historicamente e que vai se tornando presente à medida que a população do Santana segue perdendo os vínculos de sobrevivência com a Usina e posteriormente com a Cerâmica – ímãs da ruralidade do bairro – e vai reorganizando-se em torno da dinâmica maior da cidade de Teresina e de seus espaços urbanos, remodelando e imergindo o bairro em uma situação de indefinição de sua identidade espacial – rural ou urbana –, pois as pessoas que o habitam assim como o poder público municipal perdem os referenciais que permitiriam seu enquadramento a um desses polos, explicando o movimento de (re)zoneamento que o bairro passou nas décadas de 1990 e 2000.

Vale ressaltar que a rurbanização não se trata de um estágio de desenvolvimento localizado entre o rural e o urbano, que em algum momento desembocará em uma urbanização inevitável. Trata-se, entretanto, de uma categorização possível analisando as características do presente que se manifesta no bairro não podendo ser utilizada como padrão para definições do futuro da região.

Ao longo da narrativa passeamos pelo bairro como o caminhante nos apresentado por Certeau (1994). Caminhar pelo bairro permite-nos cruzar, pela experiência sensível, o que os documentos apontam e o que de fato encontramos no cotidiano do espaço, ampliando o corpus analítico ao nosso alcance. Portanto, reiteramos a necessidade dos estudiosos da cidade atentarem para as possibilidades que o conceito de rurbanização pode trazer para a produção acadêmica neste campo.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. História, Espaço e Tempo: interações necessárias. In: *Revista Varia História*. Belo Horizonte. v. 22, n. 36, 2006. p. 460-476.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da História ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. *Noções Básicas de Cartografia*. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoas/elementos_representacao.html. Acesso em 13 maio 2012 às 21:18.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A cidade*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CARNEIRO, M. J. (Coord.). Do "rural" como categoria de pensamento e como categoria analítica. In: *Ruralidades contemporâneas*. Modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira. Relatório final do projeto "Pluriatividade e Ruralidade: identidades sociais em construção". Rio de Janeiro, setembro de 2002, p. 5-23.

CARNEIRO, M. J. O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: XXII Encontro Anual da ANPOCS. *Anais*. Caxambu, MG: ANPOCS, 1998.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

ENDLICH, Ângela Maria. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon. *Cidade e campo: relações e contradições entre o urbano e o rural*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

FAVARETTO, A. S. A longa evolução da relação rural-urbano. Para além de uma abordagem normativa do desenvolvimento rural. In: *RURIS. Revista do centro de Estudos Rurais*. Universidade Estadual de Campinas/IFCH, vol 1. N. 1. Campinas/Unicamp/IFCH, 2007, pp. 157-192.

FERREIRA, Jerusa Pires. Campo e Cidade: uma história na voz de poetas e de seus protagonistas. *Projeto História*. n. 19, São Paulo, 1999. p. 45-58.

LIMA, Antônia Jesuíta de. *Gestão Urbana e Políticas Públicas de Habitação Social: análise de uma experiência de urbanização de favelas*. São Paulo: Annablume, 2010.

MONTE, Regianny Lima. *A cidade esquecida: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970*. 235 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

MULLER, Helena Isabel. História do Tempo Presente: algumas reflexões. In: PÔRTO JR., Gilson (Org.). *História do Tempo Presente*. Bauru, SP: EDUSC, 2007. p. 17-29.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ROSSI, Aldo. *A Arquitetura da cidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WILLIAMS, Raymond. *The country and the city*. New York: Oxford University Press, 1973.

WIRTH, Louis. Urbanism as Way of Life. *The American Journal of Sociology*. Chicago, v. 44. n. 1, 1938. p. 1-24.

Fontes

CAMPO de futebol da Usina Santana será inaugurado dia 06. Portal 180 graus. 21 maio 2008. Disponível em: <<http://180graus.com/esporte/campo-de-futebol-da-usina-santana-sera-inaugurado-dia-06-10483.html>> . Acesso em: 07 out. 2010.

TERESINA. *Lei 2.109 de 03 de fevereiro de 1992*. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 1992.

TERESINA. *Lei 2.283 de 10 de março de 1994*. Delimita o perímetro da zona de expansão urbana de Teresina e dá outras providências. Teresina: Câmara de Vereadores, 1994.

TERESINA. *Lei 2.311 de 17 e maio de 1994*. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 1994.

TERESINA. *Perfil da Zona Rural de Teresina*. Teresina: Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento, 1995.

TERESINA. *Lei 2.515 de 18 de abril de 1997*. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 1997.

TERESINA. *Lei 2.577 de 20 de outubro de 1997*. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 1997.

TERESINA. *Lei 2.587 de 01 de dezembro de 1997*. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 1997.

TERESINA. *Lei 2.596 de 01 de dezembro de 1997*. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 1997.

TERESINA. Perímetro Urbano. In: TERESINA. *Teresina em Dados*. Teresina: SEMPLAN, 2001.

TERESINA. *Lei 3.029 de 04 de julho de 2001*. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 2001.

TERESINA. *Teresina em bairros Maio/2004*. Teresina: Secretaria Municipal de Planejamento, 2004.